

AMÁLIA VERLANGIERI NO MODERNISMO MATO-GROSSENSE: UMA POÉTICA DO TEMPO FUGAZ

Marinei Almeida¹



Resumo: O presente texto propõe uma “viagem” por meio da leitura de alguns poemas da autora Amália Verlangieri que foram publicados em alguns periódicos mato-grossenses em meados do século XX: *Ganga* (1951/1952) e *Sará* (1951-1952), periódicos que surgiram em Cuiabá na esteira do movimento modernista desencadeado no Estado, em 1939, por meio da Revista *Pindorama*.

Palavras-chave: Literatura Brasileira, Mato Grosso, Imprensa, Amália Verlangieri.

Keywords: This essay purposes a “trip” through the reading of some poems of the author Amália Verlangieri, which were published in some mato-grossense periodical in the middle of the 20 century: *Ganga* (1951/1952) and *Sará* (1951-1952). These periodic arose in Cuiabá on the Modernist movement wake that began in the state through the *Pindorama Magazine* in 1939.

Keywords: Brazilian literature, Mato Grosso, Press, Amália Verlangieri.

Sabemos que é com a realização da “Semana de Arte Moderna”, em 1922, organizada pelo irreverente grupo paulista, que se define a modernização das artes no Brasil. Os adeptos desse movimento experimentaram, então, uma fértil inquietação intelectual com preocupações de caráter nacionalista e investiram contra um contexto cultural do país considerado arcaico. Movimento este que abriu “fazendas” no sertão brasileiro.

Em diferentes datas e locais, o movimento pela modernização artística e cultural surge em todo Brasil. Em Mato Grosso (LIMA, 2000), província isolada dos principais centros do país, na época – a luta por uma renovação artística chega, por meio da revista *Pindorama*, somente em 1939, portanto, dezessete anos após o lançamento de *Klaxon*, em São Paulo, momento em que já não havia grupos preocupados em lançar movimentos, como houve no decorrer da década de 20. A ficção, nesse momento, encontrava-se em extremo amadurecimento e fecundidade no país. Período este em que o Brasil atravessava a fase de pré-consciência de seu subdesenvolvimento – segundo reflexão de Antonio Candido (1989).

Diante dessa breve localização espacial e artística em relação à modernização das letras no país, faz-se objetivo deste artigo discorrer sobre a

produção poética de Amália Verlangieri, que publicou em alguns periódicos que apareceram em Cuiabá – Mato Grosso, na esteira das idéias implantadas pela “Semana da Arte Moderna”. Faz-se pertinente localizar, também, mesmo que rapidamente, a produção de cunho feminino desse período no meio cultural mato-grossense.

Através do estudo realizado por Yasmin Nadaf (1993), pudemos obter informações a respeito dos primeiros decênios do século XX, quando a mulher teve ativa participação na vida intelectual no estado de Mato Grosso, sendo colaboradora de jornais e revistas, de maneira que em 1916 cria-se um grêmio literária por nome de “Júlia Lopes”, composto somente por mulheres e que perdurou até 1950. Desse grêmio surgiu *A Violeta* - órgão de divulgação literário. Em 309 exemplares, localizados por Yasmin Nadaf, a pesquisadora constata que grande parte da produção da revista diz respeito, direta e especificamente, à mulher – “a mulher-esposa, a mulher-mãe, a mulher-namorada, a mulher-filha, a mulher-moça, a mulher-educadora, a mulher-estudante, a mulher-funcionária pública e a mulher-profissional liberal” (NADAF, 1996, p. 470). Com exceção deste e de alguns outros estudos, há um vazio na história literária quanto a uma pesquisa direcionada à literatura de autoria feminina em Mato Grosso.

¹ Marinei Almeida – professora da UNEMAT - Universidade do Estado de Mato Grosso, Campus de Pontes e Lacerda – Mestre e doutoranda em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa – FFLCH/USP.



Na ocasião da busca de material sobre tal assunto, o que nos deixou bastante indignados foi a falta de informações, sobretudo em relação à produção da autora Amália Verlangieri, uma vez que seu nome é lembrado em várias obras que falam da vida cultural e literária do Estado e, no entanto, não há uma atenção maior voltada à sua produção que, a nosso ver, soma positivamente à modernização da literatura produzida em Mato Grosso.

No texto “O Modernismo em Mato Grosso”, do escritor João Antônio Neto (1973, p. 5) - primeiro autor a traçar um panorama do movimento do Modernismo em Mato Grosso, já que tal assunto era ignorado pela maioria dos intelectuais de Cuiabá - Amália Verlangieri é apontada como “nome maior da moderna poesia feminina, poetisa do Luar, das Estrelas e da Luz”. Yasmin Nadaf (1996), em uma breve homenagem feita à escritora, a coloca como uma das pioneiras da poesia de cunho modernista em Mato Grosso e noticia a publicação de seus poemas nos periódicos mato-grossenses *O Arauto de Juvenília, Ganga e Sarã*.

Com exceção desses dois trabalhos que enfatizam a importância da produção dessa autora mato-grossense, Amália Verlangieri não aparece em várias outras obras percorridas que tratam da produção local e, quando aparece, ela é apenas citada. Dentre essas obras, lembremos o mais recente estudo sobre o assunto, de Hilda Magalhães, *História da Literatura de Mato-Grosso - Século XX*, publicada em 2001 que traça e analisa a natureza e evolução da literatura produzida no século XX, identificando nomes e obras mais representativos do meio cultural mato-grossense. Nesse livro, o nome de Amália Verlangieri é apenas citado como colaboradora em periódicos do Modernismo no Estado, sem comentários e nem citações de e sobre sua produção.

O mesmo acontece em *História da Cultura Matogrossense* (1994), de Lenine Póvoas e *Literatura Matogrossense para Vestibulares* (1990), de José Vicente Monteiro Filho. Em ambas as obras, no capítulo que se refere ao Modernismo, o nome de Amália é apenas citado entre os demais poetas contemporâneos, juntamente com Wladimir Dias Pino, Silva Freire, João Antônio Neto e outros.

Constatamos que seu nome nem ao menos aparece em outras obras, como é o caso da *Bibliografia Matogrossense* (1976), organizada pela Fundação Cultural de Mato Grosso. Essa obra traz somente o levantamento, sem

bibliografias e nem comentários, de autores nascidos no Estado e dos autores brasileiros e estrangeiros que moraram e/ou escreveram sobre Mato Grosso. O mesmo pode ser constatado em duas obras de Rubens de Mendonça – *História da Literatura Mato Grossense* (1970) e *Dicionário Biográfico Mato-Grossense* (1970), autor que mais escreveu sobre literatura e história de Mato Grosso e que participou ativamente como diretor e colaborador em todos os periódicos do Modernismo no Estado.

Diante de tal constatação, perguntamos: Será esse o reflexo da criação literária de autoria feminina no Estado e, conseqüentemente, no Brasil? Ou será que algumas publicações foram tão inexpressivas que não mereceram maior atenção por parte dos estudiosos que apenas apontaram nomes? Qual o tratamento dado aos arquivos existentes da memória cultural no Estado e do Estado?

Muitos são os questionamentos e inquietações que ainda estão à procura de respostas, porém, por se tratar de um estudo ainda pouco explorado, pelo menos no que diz respeito ao espaço aqui citado, sabemos que possíveis respostas aqui dadas poderão ser parciais e incompletas, passíveis de aprofundamentos e/ou divergências.

A falta de informação e registro sobre obras de alguns escritores, apenas apontados por estudiosos locais sem o devido aprofundamento, dificulta o empreendimento de um estudo sobre o assunto, como é o caso da ausência de dados sobre a produção de Amália, problema que há muito tempo alguns pesquisadores enfrentaram e ainda enfrentam em Mato Grosso, como testemunha Lenine Póvoas no prefácio da *História da Cultura Matogrossense* (1994), obra já citada:

[...] a extrema dificuldade com que se luta na pesquisa de dados, em virtude da precariedade de arquivos, resultante do desprezo que outrora houve na preservação de tudo que dizia respeito ‘a nossa memória histórica. Justamente por isso – pela escassez de fontes informativas -, é que o lançamos com o simples intuito de reunir elementos, de transmitir informações que possam um dia ser úteis ao pesquisador do futuro, quiçá mais afortunado. (1994).

Um outro fator, por nós apontado, diz respeito à dificuldade que autores “novatos” encontram para lançarem-se no mercado editorial. A esse respeito, a autora Hilda Magalhães comenta que:

era uma atividade rara no início do século e, mesmo assim, um privilégio de poucos, notadamente de homens. Isso explica, pelo menos em parte, o anonimato em que permanecem vários escritores e escritoras até hoje. (2001, p. 80).

Talvez estes sejam alguns dos motivos de encontrarmos, muitos anos depois, na casa de Dona Carmela Verlangieri Ferreira Mendes, irmã de Amália, um simpático diário recheado de poemas escrito a mão, num total de cinqüenta e dois, em versos livres, e um soneto, todos datados do período de 1951 a 1955 com temas bem variados, lançando mão de metáforas relacionadas à modernidade, principalmente os que refletem a dor humana em meio ao caos do século XX.

No entanto, ressaltamos que nos deteremos em apresentar apenas alguns poemas de Amália publicados nos três periódicos: *O Arauto de Juvenília* (1949), *Ganga* (1951/1952) e *Sarã* (1951/1952).

Amália Sizinia Verlangieri nasceu em Cuiabá no dia 22 de julho de 1930 e faleceu em Brasília em 29 de agosto de 1976. De acordo com sua irmã, Amália tinha dois sonhos: o de ser médica e o de concluir seus estudos de piano no Conservatório do Rio de Janeiro, no entanto, Amália não conseguiu realizá-los. Porém, seus dotes poéticos se fizeram notar aos nove anos, quando fez uma pequena poesia saudando sua avó pelo aniversário.

Com relação à sua produção poética, os temas e formas adotados por Amália Verlangieri são variados e com ricas construções metafóricas que fogem do academicismo adotado pelos colaboradores de alguns periódicos, sobretudo de *Ganga*.

Em “Se me fosse dado”, poema composto de dezenove versos em uma única estrofe, aparecem vários elementos carregados de ambigüidade, onde se lê:

Se me fosse dado voar, sozinha,
Sem avião nem zepelim,
Como o pássaro, ou rubro papagaio
Armado em meio do jardim,
Que sobe, se contorce,
Transforma-se em ponto negro
E enfia-se pelas nuvens...
Talvez... se me queimassem as asas
À luz do sol, das estrelas...
Se me fosse dado baixar

Viver como peixe, nadar,
Descobrir o mistério das profundezas obscuras
tão feias!
Quem sabe? Talvez lindas...
(Mas... não me apraz esta idéia?)
Pois o meu leito não seria sempre a lama?
Por isso entre o céu e o mar,
Sem arredar o pé da terra,
Construo sonhos, divago...
Subo ao céu e desço ao mar.
(*Ganga*, n. V, ano I, p. 5)

O poema apresenta um “eu” que, ao mesmo tempo que está na terra, pelo imaginário, desloca-se: “subo ao céu e desço ao mar”. A construção poética bem ritmada, com farta pontuação, recheada de elementos que oscilam entre atos de elevação e queda, tonalidades escuras e claras, remete a essa dupla situação do sujeito lírico: estar e não estar, aproximação e afastamento do real imediato.

Além dos símbolos, “sol”, “asa”, há no poema a presença de outros elementos, ora explícitos, ora apenas sugeridos, como o do “fogo”, em “se me queimassem as asas”, construções que referem à queda, portanto, a um vôo frustrado. Alguns outros elementos que também compõem o universo desse poema, como o “mar”, o “céu”, a “terra”, os quais podem ser relacionados como imagens ligadas ao mito de Ícaro, o que nos parece sintetizar a problemática principal do poema: a viagem, mesmo que imaginária, a um outro mundo possível. Esse desejo de estar em outro mundo é realizado, não precisamente, pela evasão do real, mas a partir do real traçando o desenho de outra realidade, uma vez que a imaginação é importante na constituição utópica, no sentido de que está alicerçada na realidade concreta da vida, como lembra-nos Benjamin Abdala Junior (2003).

Alguns dos elementos ligados a “viagem” também aparecem em outros poemas, muitas vezes associados aos transportes (comboio, automóvel, navio) e outras vezes relacionados ao mar (água), à estrada (terra) ou ao vôo (ar).

Em “Alma das Cousas”, destacamos o elemento “água”, responsável pela divagação do sujeito lírico que, ao mirar a água e contemplar seu efeito, a compara às lágrimas de alguém, trazendo este “eu” de volta à realidade concreta. Sugere, então, o ato de ir e vir dos estados de alma, portanto refere-se à viagem interior:

A água que cai agora
Tão mansa, tão quieta,
Parece a lágrima escorrendo

No rosto dum menino pobre.

E em tudo há certa mágoa, desalento
Tão grande e profundo,
Que alma das cousas se emudece
E se curva, humilde, como ante um altar.

E eu que andava a falar...
Parei para escutar
A alma das cousas falar...

(*Ganga*, n. V, ano I, p. 5)

Em tom melancólico de reflexão, a divagação se dá por meio de uma nota profunda de tristeza e desencanto diante da vida terrena. Este tom sombrio é reforçado pela repetição do advérbio de intensidade “tão”, na primeira e segunda estrofes. O movimento na primeira estrofe é provocado pela “água que cai” e remete à queda das lágrimas e na estrofe seguinte o ato de curvar-se resulta no silêncio e contemplação do ser.

Um outro poema que destacamos é “Que levem Tudo”, o qual mostra um conflito do ser diante do mundo e o anseio por algo novo:

Levem daqui essa música e todo esse barulho humano
Que lembra vida, sangue e suor.
Tragam-me algo novo, diferente e misterioso para mim.
Não me tentem com quadros e pinturas,
Nem me iludam estas palavras arrebatadas pelo vento.
Quero algo que me faça viver em outra terra.
Num mundo diferente, delicioso,
Onde se viva de sonhar e amar,
Num “dolce far niente” sem cessar.
Mas tudo, como disse, diferente disto aqui.
Levem estas grades para longe, levem...
E todas estas necessidades humanas, tão tristes e mesquinhas
Porque o mundo que me trarão será imenso, sem limites...
E todos caberão dentro dele.
Levem este marulhar incessante
Das águas do mar,
Que cada batida esmaga
Uma saudade escondida.
Levem tudo o que possa magoar
E molhar os meus olhos pela sensibilidade.
Que fique apenas comigo o meu mundo,
Pobre mundo! meu e de ninguém!
Feito desta mentira enganadora
Do raio do luar!...

(*Ganga*, n. IV, ano I, p. 16)

Neste poema, em que aparecem vários versos imperativos, há um apelo misturado a certa irritação. Um ser desiludido clama por algo novo e por uma nova vida que tenha o poder de afastar todo sofrimento “feito desta mentira enganadora/ do raio do luar!...”. O poema apresenta uma atmosfera melancólica, uma nota de tristeza e desencanto perante a vida humana. Há nesse percurso de introspecção uma busca angustiada.

Em “Luar” há também a presença de alguns elementos que refletem o descontentamento com o mundo, num tom bastante sombrio:

Pálida renda, mansamente posta
As asas brancas de um perdido sonho
Luz fina, transparente, quase morta,
Que se desfaz em prata, lentamente.
Errantes formas desenhadas
Contra o painel errante.
Espectros do ser, sombras calcadas
Sobre o fundo distante.
Sons penetrantes, demorados,
De suaves vozes entoados.
Frio de luz que não aquece.
Alva esteira anunciando a prece
De um esquecido adeus.
Espumas de luz, entrecortadas asas.
Leves eflúvios perpassantes
De anseios mortos, já distantes.
Fino lençol, lágrimas derramadas
No rosto frio da saudade.
Mágoa calada, adormecida,
No doce esquecimento anda perdida.
Pétalas brancas, reunidas
Na branca maciez das rosas brancas.
Trêmulas notas, faces fugidias.
Filtro perene de belezas
Refletidas na doçura
Desta melancolia

(*Ganga*, n. VII, op. cit., p.9)

Ao expressar o efeito do raio de luz refletido pela lua, cria-se um clima de tristeza e introspecção. A ação da lua remete a um outro elemento carregado de subjetividade – a noite – neste caso, metáfora da intimidade, companheira eterna do encontro do ser com o próprio “eu”; elemento, aliás, muito utilizado pelos românticos e, mais tarde, pelos simbolistas e modernistas, objetivando demonstrar o desdobramento, não apenas da personalidade mas, do mundo.

Há, portanto, na produção poética de Amália Verlangieri um tipo de modernismo que dialoga com outras tradições, não a de contestar tais tradições, mas de assimilar a sua modernidade.

Assim já havia feito o poeta Cruz e Souza que, noutra perspectiva, ao lançar mão de versos livres e brancos, antecipava procedimentos que seriam explorados pelos modernistas e acabava, com isso, abolindo a rigidez das estéticas vigentes, mantendo, ao mesmo tempo, a atmosfera simbolista como eixo de força de sua poesia.

As construções poéticas de Amália, em sua maioria, apresentam versos breves e ritmados. E o tema principal é o da melancolia perante as angústias da vida. Estas características são bastante próximas do que observamos nos poemas de Cecília Meireles, considerada por Davi Arrigucci Júnior “a expressão mais alta da poesia moderna, renovada na riqueza e originalidade das imagens, mas sem romper com os elos da tradição” (s.d., p. 241). A produção literária de Cecília Meireles passou por vários momentos, mas, de modo geral, sua poesia se firmou pela inovação, pela simplicidade de seu canto e trovas, mostrando uma vasta compreensão do mundo e da vida, em versos recheados também de desesperança, desalento, angústia, mágoa, saudade e solidão. A autora fazia de sua poesia “um grito transfigurado”, segundo Alfredo Bosi (1999, p. 461).

A atmosfera melancólica e solitária, através da introspecção do sujeito lírico que comparece em Cecília Meireles, é o que vislumbramos também em “Alma das Cousas” de Amália Verlangieri, poema comentado anteriormente.

O tema do sonho e da introspecção do sujeito lírico, cultivado por Cecília Meireles, aparece no poema “Chuva”, que faz parte do diário de Amália, publicado também em *Sarã* sob título “Sonho”, em julho de 1951.

A chuva feroz e barulhenta
Passou
E em lugar, um sol frio e aguado
Chegou.

O sabiá em sua casa alta
Se pôs a cantar
E eu triste, olhando a água,
Me pus a sonhar.

E ao vê-la, enorme e sem destino
Correr
Eu via nela um lindo sonho
Morrer.

(*Sarã*, n. 4, ano I, p. 6)

Estes exemplos, portanto, trazem para o cenário da literatura a obra de uma autora mato-

grossense que há muito dorme em solitários arquivos e mostram, sobretudo, o que a torna autônoma ao dialogar com nomes reconhecidos na história da Literatura Brasileira, uma vez que as produções de Amália são ricas de modernas construções imagéticas.

Através dessas imagens como as do vôo, da noite, da chuva, da viagem - e o que tais imagens sugerem sobre a solidão e o desencanto do homem diante do moderno e do efêmero, além dos vários recursos estilísticos dessa produção, é que situamos a obra desta autora no tardio movimento em prol da modernização artística e cultural no cenário da literatura produzida em Mato Grosso.

Aceito para publicação em 23/04/2007.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABDALA JR., Benjamin. *De vôos e ilhas: literatura e comunitarismos*. São Paulo: Ateliê editorial, 2003.

ARRIGUCCI JUNIOR, Davi. *Poesia e estilo de Cecília Meireles*. São Paulo: [s.n.,s.d.].

BIBLIOGRAFIA MATOGROSSENSE. Org. *Fundação Cultural de Mato Grosso – Governo Garcia Neto*. Cuiabá-MT, 1976.

BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Cultrix, 1977.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e subdesenvolvimento*. In: _____. *A educação pela noite e outros ensaios*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1989.

FILHO, José Vicente Monteiro. *Literatura matogrossense para vestibulares. Ganga – jornal de cultura*, Cuiabá, 1990, ano I, v.1-7.

LIMA, Marinei Almeida. *Revistas e jornais: um Modernismo em Mato Grosso*. 2002. 190f. Dissertação (Mestrado Literatura). São Paulo: Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Universidade de São Paulo, 2002.

MAGALHÃES, Hilda Gomes Dutra. *História da Literatura de Mato-Grosso- Século XX*. Cuiabá: Unicen Publicações, 2001.

MENDONÇA, Rubens de. *História da Literatura Mato Grossense*. Cuiabá, 1970.



_____. Dicionário Biográfico Mato-Grossense. 2.ed. Cuiabá, 1970.

NADAF, Yasmin. *Sob o signo da flor*. Rio de Janeiro: Sette Letras, 1993.

_____. Literatura Matogrossense de autoria feminina – séculos XIX e XX. In: *Anais do VI Seminário Nacional Mulher e Literatura*. Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: NIELM, 1996.

NETO, João Antônio. *O Modernismo em Mato Grosso*. Cuiabá: 1973. (texto digitado).

PÓVOAS, Lenine. *História da cultura matogrossense*. Cuiabá, 1994.

VERLANGIERI, Amália. *Sonho*. Sarã, Cuiabá, n. 4, p. 6, 1951.